

**O SISTEMA EM OUTRO LUGAR: ANTONIO CANDIDO, ÁNGEL RAMA,
JUAN CARLOS ONETTI E O LIMITE NACIONAL**

**THE SYSTEM IN ANOTHER PLACE: ANTONIO CANDIDO, ÁNGEL RAMA,
JUAN CARLOS ONETTI AND THE NATIONAL LIMIT**

Karina de Castilhos Lucena¹

RESUMO:

Este trabalho tem duas partes: na primeira, o exame de cartas que Antonio Candido (1918 – 2017) e o crítico uruguaio Ángel Rama (1926 – 1983) trocaram entre 1960 e 1983. Nesse diálogo, percebe-se a orientação de Candido para o projeto latino-americanista de Rama, que tentava empregar conceitos do brasileiro na sistematização de literaturas que não a brasileira. Em um segundo momento, o comentário sobre o também uruguaio Juan Carlos Onetti (1909 – 1994) que, assim como Rama, mostra que o nacional não precisa ser necessariamente o limite do sistema literário.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido; Ángel Rama; Juan Carlos Onetti; sistema literário; nacional.

ABSTRACT: This work has two parts: first of all, the examination of letters exchanged by Antonio Candido (1918 – 2017) and the Uruguayan critic Ángel Rama (1926 – 1983) between 1960 and 1983. In this dialogue, it's possible to notice the orientation of Candido for Rama's Latin American project, which attempted to use the Brazilian's concepts in the systematization of literatures other than Brazilian. In a second moment, a commentary will be presented about the Uruguayan Juan Carlos Onetti (1909 – 1994), who, like Rama, shows that the concept of the nation doesn't need to be the limit for the literary system.

KEYWORDS: Antonio Candido; Ángel Rama; Juan Carlos Onetti; literary system; national.

Candido e Rama

Em 1991, Antonio Candido foi um dos conferencistas do Seminário Internacional Literatura e História na América Latina, organizado pelo Centro de Estudos Latino-americanos Ángel Rama (USP). O depoimento de Ligia Chiappini e Flávio Aguiar, na apresentação do livro que reúne as conferências e debates do Seminário, dá notícia do contexto de fundação do Centro:

O Centro de Estudos Latino-americanos Ángel Rama tem uma história já antiga. Mais precisamente, essa história se relaciona a primeira greve de docentes e funcionários que paralisou a USP durante trinta dias entre abril e maio de 1979. Nas sucessivas assembleias, além do debate sobre nossos salários, foram surgindo discussões sobre a universidade que queríamos. Em oposição à universidade-empresa, que tendia, já naquela época, a priorizar a produção mediante a superespecialização e a conseqüente fragmentação do saber, surgia a ideia de uma universidade com maior espaço para a interdisciplinaridade, mediante a integração do trabalho docente e da pesquisa em diversas áreas. Uma vez terminada a paralisação, estimulados pelo significado e pela força da greve, declarada ainda em plena ditadura militar, começamos a nos reunir em seminários informais para conversar sobre nossos trabalhos em elaboração. [...] Em 1985, resolvemos dar um nome a

¹Professora de Literatura Hispano-americana na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre. Doutora em Letras – Literaturas Estrangeiras Modernas, pela mesma universidade. E-mail: kclucena@gmail.com.

nosso centro, e nenhum outro nos pareceu mais adequado a esse espírito do que o de Ángel Rama, o grande crítico uruguaio falecido em 1983 num desastre de avião (CHIAPPINI; AGUIAR, 2001 [1993], p. 9-10).

Como se vê, tanto a fundação do Centro quanto a iniciativa de dar a ele o nome de Rama são atos eminentemente políticos que, vistos de hoje, nos fazem lamentar a repetição do cenário adverso para a universidade pública brasileira (e talvez nos animem a dar uma resposta propositiva como a que fundou o Centro). A conferência de Antonio Candido, com o título *Uma visão latino-americana*², presta uma homenagem a Ángel Rama, numa mescla entre memória de uma amizade e avaliação do percurso crítico de Rama. O relato sobre a militância do uruguaio no campo da cultura testemunha o sentido das homenagens:

Quando conheci Ángel Rama em Montevideu, no ano de 1960, ele me declarou a sua convicção de que o intelectual latino-americano deveria assumir como tarefa prioritária o conhecimento, o contato, o intercâmbio em relação aos países da América Latina, e manifestou a disposição de começar este trabalho na medida das suas possibilidades, seja viajando, seja se cartecendo e estabelecendo relações pessoais. Foi o que passou a fazer de maneira sistemática, coordenando as suas atividades quando, exilado na Venezuela, ideou e dirigiu a Biblioteca Ayacucho, patrocinada pelo governo daquele país, que se tornou uma das mais notáveis empresas de conhecimento e fraternidade continental da literatura e do pensamento. Inclusive porque foi a primeira vez que o Brasil apareceu num projeto deste tipo em proporção adequada (CANDIDO in CHIAPPINI; AGUIAR, 2001 [1993], p. 263).

Vários pontos de interesse na declaração de Candido. A atuação da intelectualidade de esquerda que, nos anos 1960, sob impacto da vitória em Cuba, idealiza um projeto de integração latino-americana que renderá na literatura frutos excelentes e internacionalmente consagrados: o famoso *boom* de García Márquez, Vargas Llosa, Cortázar e tantos outros. A disposição, tanto de Rama quanto de Candido, de participar organicamente da construção desse projeto, numa mostra da postura de intervenção da crítica, algo não raro entre os intelectuais do período. A inclusão do Brasil no cenário latino-americano contrariando uma história de separação baseada na diferença linguística. Depois desse primeiro contato em 1960, Candido e Rama se cartearam por quase vinte anos, e nessa correspondência está o registro de suas ideias políticas e literárias e da tentativa de intercambiarem conceitos que ajudariam a consolidar uma literatura continental.

Pablo Rocca, professor da Universidad de la República – Uruguai, vem trabalhando na divulgação e análise da correspondência de Candido e Rama desde sua tese de doutorado, defendida na USP em 2006. Consta na tese um anexo documental, em que se reproduz pela primeira vez parte das cartas trocadas pelos críticos. Em 2016, a editora uruguaia Estuario publicou uma versão ampliada da correspondência com o título *Un proyecto latinoamericano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, com edição, prólogo e notas de Rocca³. No conjunto das cartas, alguns temas se destacam: 1) o intercâmbio de livros – “Llegaron los libros que me mandó y se los agradezco mucho. Los que prometí se los mandé hace más o menos un mes, salvo las Poesías de Mário de Andrade, agotadas por el momento” (carta de Candido a Rama, 26 de abril de 1960)⁴; 2) convites para colaboração em jornais, revistas, eventos e

²O mesmo texto foi incluído com o título *O olhar crítico de Ángel Rama* no livro *Recortes*, edição revista por Antonio Candido em 2004 (a primeira edição do livro é de 1993).

³A mesma correspondência deve ser lançada em breve no Brasil pelas editoras Ouro sobre Azul e EDUSP: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1929041-as-cartas-de-candido.shtml>>.

⁴Cito a correspondência tal como apresentada no livro organizado por Pablo Rocca, com as cartas de Candido traduzidas para o espanhol.

projetos editoriais – “Pero permítame que lo corrobore escribiéndole estas líneas, sobre todo porque lo que me interesaba era obtener su colaboración asidua para *Marcha* y lo instaba a que me enviara algún material sobre las letras brasileñas” (carta de Rama, 10 de maio de 1960); 3) a situação política latino-americana – “Estamos evidentemente arrasados con el caso Chile, esperando las peores noticias acerca de conocidos y amigos de allá. ¡Qué catástrofe!” (carta de Candido, 30 de setembro de 1973); 4) notícias sobre amigos em comum – “No sé si supiste de la muerte de Sérgio Buarque de Holanda ocurrida el día 24 de abril. Era uno de mis mayores amigos, y seguramente el mayor intelectual brasileño. Sé que lo estimabas y lo lamentarás mucho” (carta de Candido, 20 de maio de 1982).

Cada um desses temas mereceria um comentário mais demorado (quais os autores indicados por um e outro para leitura, os projetos editoriais empreendidos, que acontecimentos históricos atravessam a correspondência, etc.) que excede os objetivos deste texto. Detalhamos especialmente um aspecto presente na correspondência: a aproximação teórica entre Candido e Rama, com Candido assumindo um papel orientador dos estudos que Rama planejava executar na literatura uruguaia, em um primeiro momento, latino-americana depois. Vale lembrar que a correspondência inicia-se em 1960, um ano depois da publicação de *Formação da Literatura Brasileira*. Em carta de 25 de maio de 1960, Candido pergunta: “¿No recibió los dos volúmenes de mi Formación da literatura brasileira, remitidos a fines de febrero?” Não há resposta de Rama na correspondência, mas o crítico uruguaio não só recebeu os volumes como comentou o texto de Candido, em artigo de 30 de dezembro de 1960, para o semanário *Marcha*.

O texto se intitula *A construção de uma literatura* e nos subtítulos já se percebe a influência de Candido: “Sistema literário uruguaio”, “A tradição”, “Os públicos e o escritor”. A referência a Candido é textual: “Uma boa definição do que entendemos por ‘literatura’ vem do crítico brasileiro Antonio Candido, em seu livro *Formación de la literatura brasileña*; o cotejo é pertinente, pois trata-se de uma literatura marginal, fruto do colonialismo, como a uruguaia (RAMA, 2008 [1960], p. 49). Se o caráter periférico e o passado colonial aproximam as literaturas brasileira e uruguaia, logo Rama vai perceber que há diferenças importantes entre os “sistemas”:

Se aplicamos a definição transcrita acima [o sistema de Candido] a nossa história literária, veremos que, se o sistema funcionou, foi de modo fragmentário e com extrema precariedade. Temos obras importantes, excelentes criadores; temos um pequeno público, contudo não temos um ‘sistema literário’. Isso não é motivo de reprovação para ninguém especificamente, dado que é um trabalho de longo alcance; no entanto, é uma questão que deve receber nossa atenção urgente, porque nos encontramos visivelmente atrasados frente a outros onde já funciona – Argentina, México, Chile – além do fato de que, nos últimos decênios, comprovamos um abandono desta [que] entendemos deve ser nossa maior preocupação. Bastaria associar a imensa produção editorial chilena e mexicana, absorvida quase que exclusivamente pelos próprios países, ao desconhecimento generalizado que os jovens têm das letras nacionais e mesmo dos escritores do Uruguai (RAMA in ROCCA, 2008 [1960], p. 50).

É muito interessante acompanhar o percurso intelectual de Ángel Rama. Em 1960, ele lê a *Formação* de Candido e logo reconhece a potência do argumento. No entanto, ao tentar “aplicar” a ideia de sistema a um país pequeno como o Uruguai, que compartilha a língua com outros dezessete vizinhos, alguns deles com tradição editorial consolidada desde antes de serem países, Rama, talvez inconscientemente num primeiro momento, expõe algo que poderíamos entender como naturalizações do modelo de Candido. Ao comparar o Uruguai a Argentina, México e Chile, Rama pensa em público de maneira menos abstrata do que Candido, já que para o crítico uruguaio esse lado do triângulo implica mercado editorial. Na América Hispânica, Buenos Aires e Cidade do México centralizam a vida cultural desde antes das independências e continuarão em posição dominante com o boom editorial das primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, é bastante compreensível que Rama não reconheça um sistema literário uruguaio porque o conceito de Candido depende fortemente da experiência brasileira: país enorme, altamente centralista, de idioma diferente de todos os vizinhos, tudo isso em grande parte derivado da esquisita matriz imperial

brasileira. No fim da citação, ainda escapa a Rama o lamento romântico dos jovens que não conhecem as letras nacionais. Um pouco sarcasticamente, poderíamos dizer: sorte desses jovens, que podem entender língua e país não necessariamente como imagem única.

Mas esse é o Rama inicial, muito colado à ideia de sistema nacional de Candido. Aos poucos, ele vai percebendo que a nação não é o único limite possível. Isso não significa que Rama abandone as ideias de Candido – na correspondência se mantém a aproximação entre conceitos posteriores à Formação, como comentaremos a seguir –, ele as atualiza para um recorte supranacional de regiões culturais latino-americanas, as famosas comarcas:

Essas regiões podem abranger do mesmo modo diversos países contíguos ou recortar dentro deles áreas com traços comuns, estabelecendo assim um mapa cujas fronteiras não se ajustam às dos países independentes. Esse segundo mapa latino-americano é mais verdadeiro do que o oficial, cujas fronteiras foram, no melhor dos casos, determinadas pelas velhas divisões administrativas da Colônia e, em uma quantidade não menor, pelos acasos da vida política, nacional ou internacional (RAMA in AGUIAR; VASCONCELOS, 2001 [1982], p. 282).

Nesse sentido, é importante perceber que o sistema de Candido, originalmente pensado para entender a literatura brasileira, tem força para explicar outras literaturas. Porém, quando se faz essa “transferência” uma série de mediações tornam-se necessárias, como é de se esperar em qualquer análise crítica. Acontece que essas mediações iluminam aspectos talvez não evidentes do conceito original. Por exemplo, a constatação de Rama de que não existe um sistema literário uruguaio porque este é ofuscado por sistemas com tradição editorial mais antiga (Argentina, México...) pode revelar algo sobre a ultracentralização brasileira. Às vezes o que aparece como nacional na obra de Candido, refere-se mais a Rio de Janeiro e São Paulo do que a Ceará ou Rio Grande do Sul, mas essas assimetrias ficam escondidas na pretensa homogeneidade da nação. Na América Hispânica – dezoito países que compartilham o mesmo idioma – é mais difícil naturalizar que as disputas políticas e econômicas são determinantes da constituição do campo literário. No Brasil, esse continente disfarçado de país, muitas vezes se esquece que o centro define o que é nacional, cabendo às margens o desprestígio do regional. Nesse ponto, Rama também ensina algo à tradição crítica brasileira que, ao entender o centro do país como o país, construiu a região como espaço negatizado, o inverso do que fez Rama, como demonstra a citação acima.

Voltando à correspondência, mas associado a esse debate sobre o regional, há outra aproximação teórica registrada em carta de Rama a Candido, em 8 de novembro de 1973. A citação é um pouco longa, mas eloquente:

Last but not least, tu artículo [Literatura e Subdesenvolvimento]. Es realmente excelente, y digo esto como si me elogiara a mí mismo. Me produce cierto asombro comprobar cómo caminamos por sendas paralelas, que creo se deben a perspectivas críticas similares. Enteramente de acuerdo con la tesis que te conduce progresivamente del cambio hacia el 30 del país nuevo al país subdesarrollado y a una valoración que rescata el regionalismo en una perspectiva que tú llamas superregionalismo. Eso mismo es lo que, bajo el título de los transculturadores de la narrativa, te proponía como uno de los temas del seminario en mi visita a São Paulo, de tal modo que es tu artículo el que puede servir de base al debate, sin que yo agregue demasiado. [...] Como para mí coincidir contigo es la corroboración de que no me equivoco, te imaginas la alegría que me produjo leerte. Tenía razón yo cuando insistía en que debemos formar ese equipo latinoamericano, coherente y serio, de estudiosos, capaces de trabajar a la par de sociólogos y antropólogos, en la tarea de pensar a nuestra cultura y a nuestra América. Como a pesar de que tienes pocos años más que yo eres de algún modo el padre de todo eso, es a ti a quien correspondería poner en marcha ese equipo con una finalidad concreta e inmediata: reescribir la Historia de la Literatura Latinoamericana, eso nunca se hizo y que estamos obligados a hacer nosotros. ¡Ojalá nos dé tiempo el Señor! (in ROCCA, 2016, p. 63-64).

Aqui vale destacar, mais uma vez, o lugar orientador que Candido ocupa para Rama, embora

neste momento de maturidade e prestígio de ambos, elogio e autoelogio se confundam. O trecho também denota, treze anos depois de iniciada a correspondência, a continuidade do projeto latino-americanista de Rama, já enunciado desde as primeiras cartas, em 1960. A constância desse discurso de integração continental indica que o recorte nacional vai ficando secundário no pensamento de Rama. Depois daquele ensaio de compreensão do sistema literário uruguaio, Rama parece dispensar, ou ao menos lateralizar, a nação como limite de uma literatura⁵, num movimento relativamente comum a intelectuais de países não poderosos. Parece arbitrário, mas a história se repete: o também uruguaio Eduardo Galeano e *As veias abertas da América Latina*, o dominicano Pedro Henríquez Ureña e as *Corrientes literarias en la América Hispana*, entre outros. Ver as coisas a partir das margens do poder oferece arranjos apagados no centro. De novo, transferir essa disparidade evidente entre os países hispânicos para o Brasil expõe o jogo de forças muitas vezes silenciado entre os estados brasileiros.

Quanto ao “super-regionalismo” de Candido e a “transculturação” de Rama, ambos tentavam explicar a efervescência literária da segunda metade do século XX como consequência da síntese que Juan Rulfo, Guimarães Rosa, etc engendraram entre matéria local e experimentalismo estético, justamente a definição dos controversos conceitos. Não cabe aqui detalhar os acertos e limitações do “super-regionalismo” e da “transculturação”, basta dizer que as duas noções buscam na obra literária aquilo que ela teria de “universal”, esquecendo-se, às vezes, que a definição desse universal responde a atravessamentos políticos de toda ordem. De todo modo, está mais uma vez demonstrada a congruência teórica entre Candido e Rama.

Onetti

O uruguaio Juan Carlos Onetti (Montevideu, 1909 – Madri, 1994) viveu 84 anos, pouco mais da metade deles em Montevideu. Ao longo da vida, Onetti fixou residência em três cidades – Montevideu, Buenos Aires, Madri – e esse trânsito foi determinante para a ficção do escritor. Isso aparece no interior da narrativa, o próprio Onetti relacionou a fundação da cidade imaginária de Santa María, onde está ambientada parte importante de sua narrativa, a seus deslocamentos pelas margens do Rio da Prata:

Eu vivi muitos anos em Buenos Aires, e de alguma maneira a experiência de Buenos Aires está presente em minha obra; mas muito mais que Buenos Aires, está presente Montevideu, a melancolia de Montevideu. Por isso fabriquei Santa María: fruto da nostalgia da minha cidade. Fora dos meus livros Santa María não existe. Se existisse, com certeza eu faria lá a mesma coisa que faço hoje. Naturalmente inventaria uma cidade chamada Montevideu” (ONETTI apud NEPOMUCENO, 1989, p. 8).

E depois, já residindo em Madri – para onde Onetti rumou em 1975, escapando da ditadura militar uruguaia, e permaneceu até sua morte – ele escreve, no conto *Presencia* (1978): “En mi planisferio veinte centímetros separaban Santa María de Madrid” (2009, p. 231). Como se vê, o deslocamento entre as cidades aparece na ficção de Onetti, mas não é exatamente esse o ponto que pretendemos desenvolver. Nos interessa mostrar que, além de impactar na parte criadora, esses trânsitos foram essenciais para a circulação e recepção dos livros de Onetti. *Avenida de Mayo – Diagonal – Avenida de Mayo* (1933), primeiro conto do uruguaio, foi publicado no jornal argentino *La Prensa*; *La vida breve* (1950), talvez seu principal romance, saiu pela editora argentina Sudamericana; *Los adioses* (1954), novela que figura entre as excelentes do gênero, veio a público também por uma editora argentina: Sur; *El astillero*

⁴Esse parece ser um movimento de Ángel Rama como historiador da literatura, na construção de panoramas mais abstratos. Quando se dedica à análise pontual de um texto ou autor, o paradigma nacional segue valendo, como indica seu estudo sobre Gabriel García Márquez: RAMA, Ángel. *Edificación de un arte nacional y popular: La narrativa de Gabriel García Márquez*. Bogotá: Colcultura, 1991.

(1961) – incluído por William Faulkner, em 1963, na lista dos grandes romances hispano-americanos não traduzidos para o inglês – saiu pela Compañía General Fabril Editora, de Buenos Aires; em 1967, se publica a primeira edição dos contos completos de Onetti, em Buenos Aires, pelo Centro Editor de América Latina⁶.

Essa lista poderia se estender ainda mais, porém os exemplos citados bastam para demonstrar que Onetti se valeu do mercado editorial argentino. Nas primeiras décadas do século XX, Buenos Aires se consolidou como o grande polo editorial do continente, respondendo ao amplo processo de modernização da cidade, que incluiu políticas públicas e iniciativas do âmbito privado com grande impacto. Nas palavras de Beatriz Sarlo:

Define-se assim o espaço social ampliado de um público leitor potencial, não apenas das camadas médias, mas também de setores populares. O crescimento da educação secundária, também notável nos níveis nacional, normal e comercial, dobrou o número de alunos incluídos no sistema em pouco mais de uma década, entre 1920 e 1932. Essas são as precondições para as mudanças ocorridas no perfil do público e a consolidação de um mercado editorial local (SARLO, 2010 [1988], p. 39).

Dada a maturidade do mercado editorial argentino, não é de se estranhar a escolha de Onetti por fixar residência em Buenos Aires (por dois períodos: de 1930 a 1934; de 1941 a 1955) e publicar nessa cidade alguns de seus principais textos. Com esse exemplo, queremos voltar ao tema do sistema literário de Candido e o quanto a definição do nacional como limite estruturante depende da especificidade brasileira (país enorme, único a empregar o português na América, etc). Poderíamos até dizer que para os países fortes da América hispânica (Argentina e México, em especial) a ideia de sistema nacional tem uma admissibilidade importante, mas, ainda assim, o idioma compartilhado supranacionalmente exige mediações importantes da ideia candidiana de sistema que, de forma alguma, perde sua força; pelo contrário: justamente por seu vigor é que o conceito nos ajuda a compreender contextos para os quais não foi pensado.

Se “[...] para se configurar plenamente como sistema articulado, ela [a literatura] depende da existência do triângulo ‘autor-obra-público’, em interação dinâmica, e de certa continuidade da tradição” (CANDIDO, 2007 [1959], p. 17-18), na hispano-américa talvez não seja decisiva a limitação nacional porque um autor uruguaio pode ser publicado e lido na Argentina, ou publicado na Argentina e lido no México, ou na Colômbia. Não ignoramos que a noção de “público” de Candido não é sinônima de “mercado editorial”, que este lado do triângulo está mais associado à consciência do escritor de que será recebido por leitores locais. Mas nos parece fundamental que uma análise materialista feita atualmente avance na compreensão do livro como um objeto que se comercializa e circula pelo mundo editorial.

Nesse sentido, a trajetória de Onetti corrobora a conclusão de Ángel Rama: não temos um sistema literário uruguaio. O mais interessante é que Onetti parece ocupar um lugar semelhante ao de Machado de Assis para o raciocínio de Candido – a ponta de chegada do processo formativo, o grande escritor que toma consciência do sistema que integra. Luís Augusto Fischer demonstrou que, na Argentina, Jorge Luis Borges desempenha função semelhante: “Para Machado e para Borges, assim, era clara a consciência de que havia uma literatura em processo de formação e que se tratava de entender o que era mais adequado fazer acerca disso” (2008, p. 86). Defendemos que Juan Carlos Onetti seria essa consciência para o processo formativo uruguaio, no entanto, menos para consolidá-lo e mais para reafirmar a necessidade de pensá-lo em outros termos.

⁶As informações sobre a publicação das obras de Onetti foram retiradas do estudo elaborado para o Instituto Cervantes pelo professor Eduardo Becerra, da Universidade Autônoma de Madri: <<https://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/onetti/>>. Acesso em 20/10/2017.

Em artigo de 30 de junho de 1939, em sua coluna *La piedra en el charco*, do semanário uruguaio *Marcha*, Onetti publica o artigo intitulado *Una voz que no ha sonado*. Não nos parece absurdo ler esse texto em paralelo com *Instinto de nacionalidade* (1873), de Machado, e *El escritor argentino y la tradición* (1953), de Borges, os dois textos em que os escritores debatem a formação de suas literaturas. Nas palavras de Onetti:

En un artículo aparecido en esta página, en el primer número de *Marcha*, se plantea el problema del estancamiento de nuestras letras. Desearíamos aquí avanzar un paso en este terreno, esbozando el futuro deseable para la literatura uruguaya. Hemos hablado de nuestras gentes y lugares, frondosamente, sin perdonar nada. Pero no hay aún una literatura nuestra, no tenemos un libro donde podamos encontrarlos. [...] El hecho de que no nos vemos representados en las diversas formas literarias que por aquí se estilan, alcanza para demostrar que algo hay, una manera, un concepto de la vida, una idiosincrasia, una simple esperanza que late escondida, buscando a ciegas la voz que la muestre. Pero acaso esto no llegue a suceder mientras no surja aquí el escritor de veras, el hombre cuyo destino sea escribir, sin sucedáneos ni agregados. Luego de una generación de escritores profesionales – en el buen sentido de la palabra –, de hombres que vivan para su oficio, lo amen y lo dominen, sería tal vez posible producir un tipo de artista que nadie ha querido imitar entre nosotros, que en Europa ya tiene y en el cual, felizmente para ella, abunda Norteamérica. El escritor no hombre de letras, el anti-intelectual. Céline en Francia; Faulkner, Hemingway y tantos otros en USA. [...] Es esto, en definitiva, lo que necesita la literatura rioplatense (ONETTI, 2009, p. 357-358 – sublinhados meus).

Onetti abre o texto concordando com a estagnação de “nossas letras” e esse “nossas”, a princípio, refere-se à literatura uruguaia. Depois, em postura semelhante à de Rama, como já dissemos, chega à conclusão de que não há uma literatura uruguaia. Os caminhos para chegar a essa conclusão são diferentes em Onetti e em Rama, vale lembrar: o crítico identifica a ausência de um mercado nacional; o escritor, não encontra uma “voz” uruguaia. Em seguida, Onetti indica o que falta às suas letras: escritores profissionais, e aqui parece que se refere tanto a um mercado que garanta a subsistência do escritor (embora esse sentido seja secundário na afirmação de Onetti) quanto a uma atitude de renúncia intelectualista e dedicação apaixonada ao ofício de escrever, usando Céline, Faulkner e Hemingway como modelos. Mas está depois disso a passagem que nos interessa especialmente: a revelação de que essa “literatura nuestra” pode ser a literatura rio-platense. Nesse salto do recorte nacional para a divisão mais ampla – a comarca ou região de Rama – está uma tomada de consciência importante de Onetti: de que, para ser sua, uma literatura não precisa limitar-se ao nacional.

Assim, esperamos ter ilustrado como o conceito candidiano de sistema literário passa por adaptações ao ser usado para explicar literaturas que não a brasileira, especialmente literaturas de países em que a divisão nacional dificulta que autores, obras e público estejam materialmente em interação dinâmica. Obviamente, este diagnóstico em nada invalida a síntese de Antonio Candido, pelo contrário, assegura que sua reflexão crítica tem força para além do objeto que lhe ocupou. Os uruguaiois Ángel Rama e Juan Carlos Onetti (ambos com vivências importantes fora de seu país natal) debateram a formação literária em termos mais amplos do que o nacional e nos parece eloquente constatar que ambos chegaram a conclusões bastante semelhantes sobre a existência ou não de um “sistema literário uruguaio”. Com isso, aportaram novas visões à sistematização da literatura na América Latina.

Referências:

AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Orgs.) *Ángel Rama: Literatura e cultura na América Latina*. Tradução de Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

BECERRA GRANDE, Eduardo. *Monográfico sobre Juan Carlos Onetti*: Instituto Cervantes, 2009. Disponível em: < <https://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/onetti/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750 – 1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2001.

FISCHER, Luís Augusto. *Machado e Borges: e outros ensaios sobre Machado de Assis*. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.

NEPOMUCENO, Eric. Juan Carlos Onetti: notas para um perfil. In: ONETTI, Juan Carlos. *Tão triste como ela e outros contos*. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo/Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1989.

ONETTI, Juan Carlos. *Obras Completas III: Cuentos, artículos y miscelánea*. Edição de Hortensia Campanella. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2009.

RAMA, Ángel. *Edificación de un arte nacional y popular: La narrativa de Gabriel García Márquez*. Bogotá: Colcultura, 1991.

ROCCA, Pablo (Org.). *Literatura, cultura e sociedade na América Latina: Ángel Rama*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

_____. *Un proyecto latinoamericano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*. Montevideu: Estuario, 2016.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução de Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosac Naify, 2010.